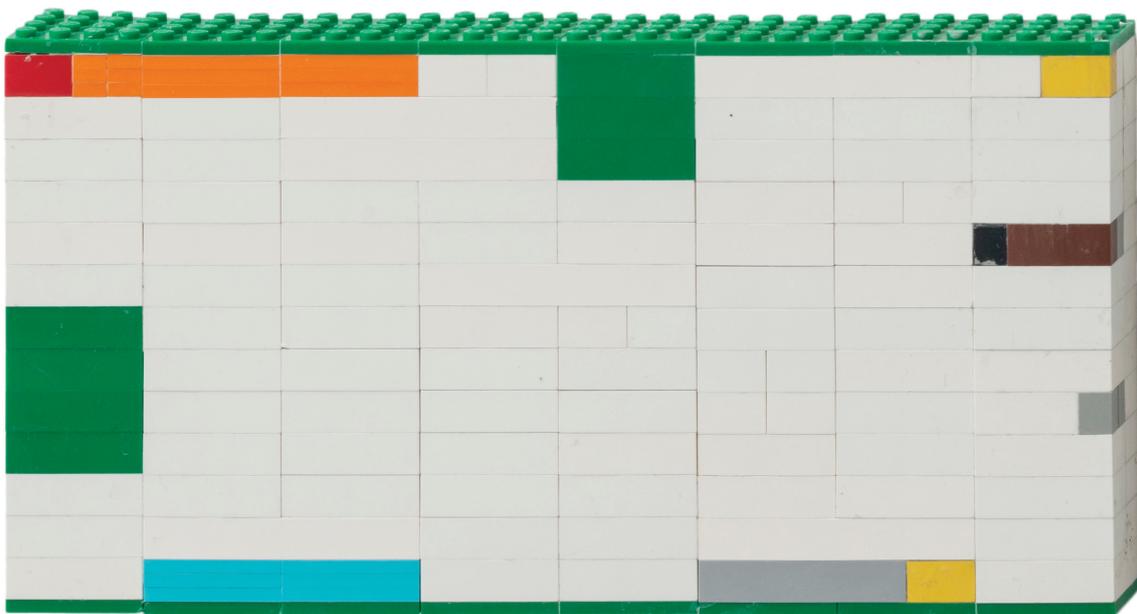


O Pequeno Colecionador, Carbono Galeria
e Galeria Millan apresentam

Quem era eu

Dudi Maia Rosa



2 – 26.10.2021

CARBONO GALERIA | RUA JOAQUIM ANTUNES 59
SEG – SEX 10H-19H | SÁB 11H-15H

Dudi Maia Rosa, *Paraty*, 2021, 13.4 × 25.5 × 3.2 cm. Foto: Arnaldo Pappalardo

Quem era eu

Na mostra *Quem era eu*, Dudi Maia Rosa apresenta um grupo de trabalhos inéditos iniciados no começo dos anos 90. Uma reinvenção feita a partir de peças que fazem parte das memórias de crianças de várias gerações e ainda hoje disponíveis no mercado, provocando encontros surpreendentes. Estamos diante de construções cromáticas de blocos de plástico que aproximam de forma inusitada o repertório da arte ao universo do brinquedo. Interessado no processo construtivo dessa operação, Dudi nos deixa ver que esse mecanismo de transposição é uma marca recorrente de seu trabalho.

No título da mostra, *Quem era eu*, “q-ue-m” é o sujeito da frase e contém um **eu** invertido. O “eu”, nessa formulação, perde o protagonismo da ação, assim como sua unicidade. Apesar da

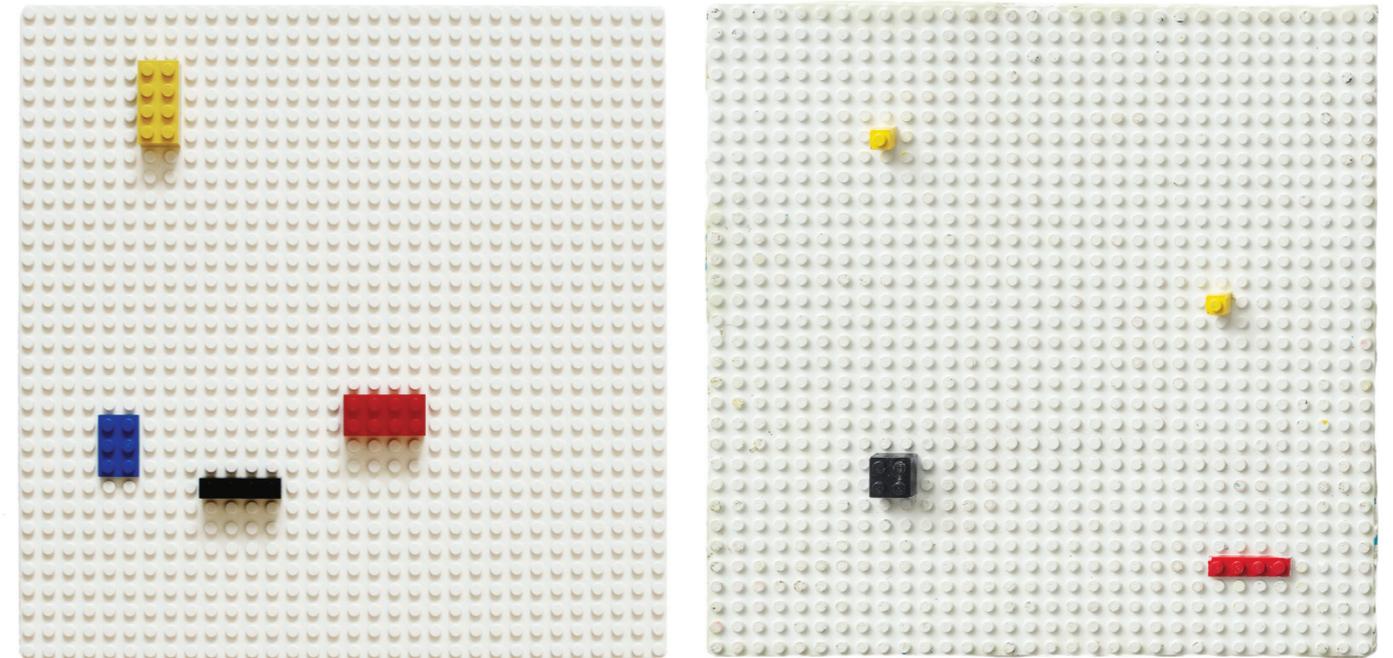
ausência da interrogação, *Quem era eu* traz implícitas algumas perguntas: afinal, como separar o objeto de arte do artista que o produz? Quanto o artista carrega de suas primeiras experiências da infância? O que persiste na passagem da infância para a vida adulta?

Com seus objetos aparentemente despreziosos, Dudi nos confronta com uma sofisticada estratégia de inversões. A pintura que se forma a partir de um molde industrial, um brinquedo que se monta e se desmonta, em um movimento contínuo e repetitivo, até ser interrompido. Seria esse instante, esse corte, o momento da arte?

Um jogo de muitas perguntas, mas sobretudo, um jogo dentro de um jogo. Talvez seja isso o que Dudi nos propõe.

CURADORIA

Impromptus é resultado do encontro e do aprofundamento da parceria entre Carbono Galeria e O Pequeno Colecionador. O díptico proposto por Dudi Maia Rosa nos apresenta várias duplicidades. É composto de dois trabalhos que se aparentam iguais, mas na verdade possuem muitas diferenças. Um é composto de peças de brinquedo e permite o movimento, a recriação de uma composição, enquanto o outro é produzido em resina, realizado a partir de um molde, permanecendo sempre estático. Qual peça gerou qual? Seriam as peças como mãe e filha? Uma o jogo e a outra a obra? Há nessa proposta uma síntese de paradoxos e inversões, traços recorrentes no corpo da obra do artista.



Dudi Maia Rosa, *Impromptus*, 2021, 25.5 x 25.5 x 3 cm (cada item do díptico), edição 30 + 4 PA



Que tal se inspirar no trabalho de Dudi Maia Rosa para fazer uma composição? Recorte os papéis coloridos e cole no verso deste para criar a sua. Depois compartilhe nas redes sociais usando a hashtag #oquenocolecionador, queremos ver o que você inventou!

Dudi Maia Rosa

Dudi Maia Rosa tem longa trajetória e é referência inequívoca para o circuito da arte contemporânea, sobretudo para inúmeros artistas que se formaram sob sua influência. É um artista que investiga e experimenta. Atua principalmente no limite da pintura com suas superfícies cromáticas feitas em resina de poliéster e fibra de vidro, dentre outros materiais insólitos. Apresentou sua primeira exposição individual no MASP em 1978. Desde então realizou diversas outras na Galeria Millan, São Paulo, 2009, 2012 e 2016; no Centro Cultural Maria Antônia, São Paulo, 2002 e 2013; Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, 2008; Instituto Figueiredo Ferraz, São Paulo, 2013; entre outros. Dentre suas coletivas destacam-se: *Modos de Ver o Brasil: Itaú Cultural 30 Anos*, Oca, São Paulo, 2017; *Uma coleção particular — Arte contemporânea no acervo*

da Pinacoteca, São Paulo, 2015; 10ª Bienal do Mercosul, *Mensagens de Uma Nova América*, Rio Grande do Sul, 2015; *Brasiliana: Moderna Contemporânea*, MASP, São Paulo, 2006; 5ª Bienal do Mercosul, Rio Grande do Sul, 2005; *Mostra do Redescobrimento: Brasil 500 Anos*, no Pavilhão da Bienal, São Paulo, 2000; Bienal de Joanesburgo, África do Sul, 1995; Bienal Internacional de São Paulo, 1987 e 1994; e *Panorama da Arte Atual Brasileira*, MAM-SP, 1973, 1986, 1989 e 1993.

Dudi-Boogie-Woogie

Quando minha geração chegou, Dudi já estava lá. No gosto pela fatura, em certo amor pela confusão e pela perda de rumo, na admiração pouco hierárquica por quase tudo o que veio antes, no inevitável desenvolvimento do trabalho em séries independentes. Ainda mais do que isto – numa qualidade física, misteriosa, que só o acúmulo de minutos, o *tempo* depositado sobre uma obra ou um conjunto delas, sabe mostrar. Pois há uma auto-suficiência que este fazer e esta demora oferecem, e que acaba prevalecendo sobre o projeto. O que há de muito intenso na trajetória de Dudi é justamente esta auto-suficiência, este andar de lado, pelas bordas, visitando a ansiedade de sua época com uma ansiedade ainda maior, mas para dentro, modesta e reclusa.

O que não afasta uma capacidade inversa, de resposta às proposições do mundo, um enorme sim ao que bate à porta, num isolamento que o tempo todo (e ainda agora) se deixa pegar. Para que isso funcione, o mais importante talvez seja uma consciência aguda do próprio tamanho e posição — do próprio endereço. Quem visitou a casa dos Maia Rosa no bairro em Santo Amaro, em São Paulo, logo percebe isso. É difícil imaginar que o trabalho se fizesse desde outro lugar. É lá que ele dura e dura e, enquanto isso acontecer, bem, não há muito do que se queixar. *Podem pedir de mim o que quiserem — eu tenho tempo. O tempo que meu trabalho me dá.*

Claro que este percurso se arquitetou em conjuntos de trabalhos independentes, com grande diversidade estilística, e que se fizeram lá fora,

no mundo. Talvez o mais famoso deles seja o grupo de pinturas (ou não-pinturas) em fibra de vidro. Executadas por trás, rápidas em seu processo de fatura, parecem, de fato, o avesso da duração meio sem fim da pintura a óleo, que lhe serve de contra-modelo. Mesmo aqui (embora a brevidade da fatura de cada trabalho possa confundir meu argumento), acho que há uma resposta em labirinto — neste caso, às demandas expressivas dos anos 80 e 90. Diante delas, Dudi batalhou para se tornar progressivamente *superficial*. A alegria epidérmica de tantos destes trabalhos vem da resposta invertida ao *zeitgeist* que lhe coube. Elas são, de alguma forma, réplicas à *rebours* do caudaloso rio expressivo que bateu à sua porta. É assim que funciona — cada trabalho (as aquarelas recentes, por exemplo) vai oferecendo um lugar singular, dobrado sobre si mesmo, mas também ligado, conectado, responsivo ao que acontece lá fora, num tempo interior que nunca perde a cronologia.

De fato, muito tempo passou entre o primeiro Lego que Dudi produziu e este conjunto que aparece agora. Despretensiosos, casuais, para mim são pequenas obras-primas, ambiciosas em sua infância profunda e particular. A grade construtiva, o *Broadway Boogie-Woogie* de fundo, com suas pinceladas-tijolinhos, parece ter atravessado a porta e partido para o mundo.

Mas não como arte aplicada e sim num lugar aonde dura e dura, se faz e refaz, se *monta e desmonta*. Como em toda brincadeira, a oração principal aqui é: *Vamos fazer de novo?* Este *de novo*, esta pulsão freudiana inexplicável que toda brincadeira de alguma forma apazigua e des-patologiza, é a raiz da leveza, da alegria e potência deste conjunto.

Pois, sem prejuízo da precisão e riqueza de cada trabalho, parecem prontos para ser desmontados e começar uma vez mais — afinal, são Legos. O tempo do fazer e da fatura, que mencionei no início, vira aqui a promessa de uma nova montagem, como se o trabalho agora brincasse com sua própria duração. A ironia é que Dudi faça isto diante do carço linguístico da modernidade (Mondrian, Van Doesburg, construtivismo russo). Esta memória é o capital, digamos, *a sério* de que este jogo se alimenta. O resultado é uma espécie de fragilidade constitutiva que parecem emanar — são ortogonais? Podem ficar tortos? Estão prontos? São mesmo brinquedos? Ficam no chão? Melhor não? Na parede?

Há cor verdadeira neles, há modulação verdadeira, mas tudo numa espécie de réplica, de segundo turno, e aqui encontramos um traço estilístico central de todo o trabalho. Pois esta *potência secundária*, de alguma forma

miniaturizada, é o segredo de fundo de tanta coisa que Dudi produziu. Repare que o mundo industrial destes Legos (esta super-hiper-multinacional dinamarquesa do brinquedo, só comparável a alguns personagens da *Disney* ou ao ursinho *Bear*) foi discretamente refeito. Dudi repintou tijolinhos, colou fita adesiva sobre eles e até mesmo fundiu em fibra, com perfeição, alguns elementos de que precisava. Há, portanto, certa pátina pessoal de fatura que, se não apaga o elemento neutro, fantasmático, industrial, confrontando-o, reage com sutileza a ele, modulando-o em alguma medida. Um pouco como Robinson Crusóé, reinventa-o em sua ilha.

Estes brinquedos a sério, estes mistos de Mondrian com Willys de Castro, este *homo ludens*, esta mordida que não é mordida, este saber que não é de verdade, mas sendo, esta confusão sem confundir, este paradoxo de Epimenides, este país de Cretenses, este tanto faz, este que bom que o tempo passou, este refugio construtivo, este *make it yourself*, este todo homem é um artista, este qualquer um pode fazer um sozinho, esta lembrancinha de festa infantil, este domínio de todos os elementos da linguagem, esta proporção entre o que me pedem e o que consigo entregar, este local geométrico aonde ser novo e ser velho, ser enorme e ser pequeno, coincidem — são

estas as questões destes trabalhos, cutucando-se à nossa frente.

Num momento em que o país parecer ter perdido toda capacidade de proporção, relação ou regra de três, num enlouquecimento progressivo que afetou a própria mensuração — dos valores, das alianças, dos símbolos, da linguagem —, prestem atenção nestes trabalhos. Uma frágil ordem emana deles, um desejo de montar os pedaços de novo, e ainda uma vez. De seu canto no mundo, de seu pequeno castelo no bairro de Santo Amaro, é esta a resposta de Dudi ao nosso pesadelo.

Se um dia isso tudo passar, mas a terra ficar tão devastada que a gente não reconheça mais nada, quem sabe a gente começa por eles.

NUNO RAMOS

